



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Programa de Pós-graduação Educação: Currículo  
Revista e-curriculum ISSN: 1809-3876

**PAULO FREIRE: UM PENSAMENTO CLÁSSICO E ATUAL**

**PAULO FREIRE: A CLASSIC AND CURRENT THOUGHT**

**CORTELLA, Mário Sergio**

Doutorado em Educação: Currículo pela PUCSP

Professor Titular do Programa de Pós graduação em Educação Currículo da PUCSP

e-mail: [cortella@uol.com.br](mailto:cortella@uol.com.br).



Revista e-curriculum, São Paulo, v.7 n.3 DEZEMBRO 2011  
EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO DE PAULO FREIRE  
<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>



## RESUMO

Nesse texto compartilho com os leitores um pouco da minha convivência com Paulo Freire, um velho amigo. Na seqüência, destaco o seu percurso peculiar, pontuando e comentando dados de sua biografia que nos ajudam a compreender porque o legado de Paulo Freire é um pensamento clássico e atual. Destaco que Paulo Freire é um clássico, no sentido de que ele não tem perda de irrigação de sua atualidade. Ele continua vivo também nas obras que escreveu há 40 anos, há 35 anos, há 20 anos, porque essas obras estão vivas. Ele é um clássico, sem ter se emoldurado num processo de engessamento. Paulo Freire nos anima, no sentido de que nos “enche de alma”, de “anima”, de “vida” e, nesse sentido, o seu pensamento é altamente inspirador. Ao final, registro minha saudade de Paulo Freire, uma pessoa encantadora.

**Palavras chave:** Paulo Freire; Política; Pedagogia do Oprimido.

## ABSTRACT

*In this text, I'd like to share with the readers some of my experience with Paulo Freire, an old friend. In the sequence, I highlight his unique path, pointing out and commenting parts of his biography, that help us understand why the legacy of Paulo Freire is a classical and actual thinking. I affirm that Paulo Freire is a classic in the sense that his actuality has not lost its irrigation. He also still alive in the works he wrote 40 years ago, 35 years ago, 20 years ago, because these works are alive. He is a classic, that have not framed himself in a process of immobilization. Paulo Freire animates us, in the sense that it "fills the soul", with "anima", with "life" and in that sense, his thinking is highly inspiring. In the end, I emphasize how much I miss Paulo Freire, a charming person.*

**Keywords:** Paulo Freire; Politics; Pedagogy of the Oppressed.





## UM VELHO AMIGO

Há 38 anos estava eu em São Paulo, no primeiro ano da universidade, começando o curso de Filosofia; Paulo Freire, em nome da liberdade coletiva, estava exilado na Suíça.

Um quarto de século depois (e quarenta e cinco dias antes da morte de seu corpo) ele, ao entregar-me em sua casa, um exemplar de seu último livro, *Pedagogia da Autonomia*, escreveu como dedicatória: Para Mário, com a alegria da velha amizade.

Fiquei desconcertado e, claro, nada falei no momento, para não diminuir um afago sincero. Ora, já recebera antes outras demonstrações de carinho da parte do Mestre; no entanto, essa dedicatória deixou-me intrigado. Como pode escrever “velha amizade”? De onde tirara ele a idéia (sem dúvida desejada por mim) de que eu pudesse ser considerado não só um amigo, mas um velho amigo? Afinal de contas, essa expressão comporta uma carga afetiva que ultrapassa a noção de tempo.

Saí de sua casa e fui dar aulas; no caminho, por várias vezes, abri o livro e mirei a dedicatória, com um misto de orgulho e espanto. Chegando na PUC/SP, fiquei na sala de meu departamento por quase uma hora, pensando naquela situação. Será que eu, sinceramente, merecia aquele tributo? Teria eu, de fato, o direito de sentir-me lisonjeado? Concluí que sim; não por ser eu quem sou, mas por ser um educador.

Nossa amizade começou há mais de 30 anos, quando, de forma clandestina, os estudantes líamos cópias camufladas de seus textos; depois, quando entrei na carreira docente, passei a utilizar alguns de seus livros como conteúdo curricular. Finalmente, em 1979, quando retornou do exílio, estava eu entre os milhares que foram recebê-lo no Tuca (Teatro da Universidade Católica de São Paulo); ali pude vê-lo pessoalmente pela primeira vez. Ali, emocionado, chorei sua chegada e, infelizmente, em 1997, no mesmo lugar chorei sua partida.

Entre 1979 e 1988 vivenciei sua presença várias vezes; contudo, entre 1989 e o início de 1991, tive um privilégio jamais imaginado: passar horas diariamente com o Mestre, em seu gabinete de Secretário Municipal de Educação de São Paulo. Havia um momento especial: todos os dias ele precisava assinar mais de 400 documentos que por mim eram levados; sempre reclamando da quantidade (e de mim que, naquele instante, encarnava a burocracia), o Mestre ficava mais de uma centena de minutos na atividade automática de colocar a





assinatura em papéis antes exaustivamente examinados pela sua assessoria. Quanto mais demorava esse trabalho, mais eu apreciava, pois, enquanto o fazíamos, conversávamos sobre Vida, História, Amorosidade, Política e, como agregador disso tudo, a Educação. Calculei termos tido umas 600 situações desse tipo e esse foi o mais longo e melhor “curso” que fiz em minha vida. De 1991 até a morte de seu corpo tive outro privilégio: ele aceitou ser meu orientador no Doutorado e, assim, continuei minha “alfabetização de adulto”.

### UM PERCURSO PECULIAR

Paulo Reglus Neves Freire!

Quase ninguém o conheceu pelo nome completo (principalmente o Reglus, que dava a ele um certo ar de senador da república romana da Antigüidade); nascido na cidade do Recife/PE, em 1921 (em plena República Velha e sob o governo de Epitácio Pessoa), em 19 de setembro (quatro dias após outro Paulo, o Evaristo Arns, ter vindo ao mundo em Santa Catarina, e com quem sua vida entrecruzou-se mais tarde), foi assim nomeado pelo pai Joaquim Temístocles e a mãe Edeltrudes.

Embora, na origem, viesse de uma família de classe média, sofreu o primeiro percalço aos 10 anos de idade quando, subitamente empobrecida (atropelada que foi pela famosa “crise de 1929”), a família mudou-se para Jaboatão, uma cidadezinha periférica à capital pernambucana e, três anos após, ficou órfão de pai. Viveu momentos profundos de pobreza e dor, mas soube incorporá-los positivamente em sua obra posterior.

Só conseguiu prosseguir na escolarização e concluir o secundário porque foi agraciado com sucessivas bolsas de estudo (e porque, aos 17 anos, começou a dar aulas de Português, idioma que tão bem soube manejar); com a idade de 22 anos entrou para a Faculdade de Direito do Recife e, tal como já fizera Karl Marx no século XIX, tornou-se advogado (poucos relacionam Freire e Marx a essa profissão).

Não seguiu carreira no Direito; mergulhou na atividade docente pelo restante de sua vida. Em 1959 obteve, por meio de concurso, o título de Doutor em Filosofia e História da Educação, ao qual se somaram, até 1997, mais 28 títulos de doutor “honoris causa” pelo mundo afora, “cidadão honorário” em nove cidades, nome de 10 escolas e 26 centros de estudos e documentação (por todo o globo), uma trinca de cátedras e seis prêmios





internacionais; é o brasileiro mais laureado no exterior e, para completar, ainda publicou dezenas de obras (escritas sempre à mão), traduzidas em dezenas de idiomas (e mesmo que não tivesse familiaridade com computadores, há mais de 800 sites na Internet que analisam seu trabalho).

Toda essa trajetória foi permeada por envolvimento progressivos com as políticas públicas: aos 26 anos, já casado com a professora primária Elza Maria Costa Oliveira (com quem teve 5 filhos, e com quem viveu até 1986 quando da morte dela), passou a trabalhar, também, com educação de adultos, ao ser nomeado diretor do setor de Educação e Cultura do SESI (Serviço Social da Indústria); ali ficou por dez anos (nos três últimos como superintendente).

Em 1956 tornou-se integrante do Conselho Consultivo de Educação de Recife e, cinco anos após, diretor da Divisão de Cultura da Secretaria Municipal de Educação; em 1963 o governador Miguel Arraes o nomeou como membro do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco e, logo a seguir, o presidente João Goulart o encarregou do Programa Nacional de Alfabetização (extinto em abril de 1964 pelo governo militar).

Quando o golpe militar de 64 eclodiu, Paulo Freire estava em Brasília; seus vínculos com uma política progressista o tornariam um alvo fácil da sanha conservadora de alguns golpistas. Ficou escondido na capital federal por 30 dias, voltou para Recife e ficou preso em um quartel por 75 dias (onde aconteceu uma das histórias que ele mais gostava de contar: depois de alguns dias na prisão, foi procurado por um oficial que disse a ele haver muitos recrutas analfabetos no quartel e, sendo ele um professor, se poderia alfabetizá-los; resposta óbvia de Paulo: Mas, meu filho, é exatamente por fazer isso é que estou preso!).

Constrangido a ir, por duas vezes, ao Rio de Janeiro para responder a IPM (Inquérito Policial Militar), sentiu estar correndo risco de vida; pediu abrigo na embaixada boliviana e, aos 43 anos (também no seu natalício setembro) foi para a Bolívia. Nela não ficou nem dois meses, pois ocorreu um golpe de estado e ele partiu para o Chile.

Paulo Freire (agora com a família) ficou no Chile até 1969, atuando como assessor do Ministério da Educação chileno e consultor da UNESCO; dali foi como Professor Convidado para a Universidade de Harvard (ensinar sobre si mesmo) e, em 1970, aceitou o convite do Conselho Mundial de Igrejas para ser seu Consultor Especial do Departamento de Educação





em Genebra, na Suíça (tornando-se, ainda, professor da Universidade de Genebra). Nessa nova atividade percorreu todos os continentes e colaborou com dezenas de países (exceto o Brasil, no qual estava proibido de entrar), principalmente os recém independentes na África.

Em 1979 pode voltar ao Brasil e, corajosamente, declinou das credenciais que o governo suíço lhe oferecera para sua imunidade; à convite de D. Paulo Evaristo Arns, começou a lecionar na PUC-SP (de 1980 até 1997) e, por dez anos, na UNICAMP. Em 1988 casa-se com Ana Maria Araújo Freire (de quem houvera sido amigo de infância e orientador no Mestrado em Educação da PUC-SP).

No mesmo ano do seu novo casamento, Luiza Erundina foi eleita para prefeita da cidade de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores (do qual Paulo Freire é um dos fundadores); a primeira pessoa a quem ela convidou para compor o governo foi exatamente ele que, de pronto, aceitou (com o compromisso de ficar por dois anos, organizar o trabalho e a equipe e, depois, poder voltar a escrever e fazer conferências livremente).

Ficou de 1º de janeiro de 1989 até 27 de maio de 1991 como Secretário Municipal de Educação de São Paulo; saiu, deixando um “manifesto à maneira de quem, saindo, fica” e nele escreveu “não estou, rigorosamente, saindo da Secretaria Municipal de Educação ou mesmo deixando a companhia de vocês. Nem tampouco renegando opções políticas e ideológicas antigas, anteriores à criação do PT. Não imaginava sequer que o PT aconteceria, na minha juventude, mas sentia muita falta de sua existência. Esperei por mais de quarenta anos que o PT fosse criado.(...) Não estou deixando a luta, mas mudando, simplesmente, de frente”.

Nessa mudança de frente, sem deixar a luta, ele ficou ensinando, escrevendo, conversando, orientando, ou seja, ajudando a tecer a felicidade, até 02 de maio de 1997, quando o corpo dele morreu; agora, mudou de frente novamente, e nossa luta continua.

## UM “INCOMPREENDIDO” MUITO BEM COMPREENDIDO

Muitas vezes, ao se avaliar a importância da obra de Paulo Freire e o impacto que causou na realidade brasileira e internacional, foi comum tachá-lo de um “incompreendido”. Grande engano! Ele foi muito bem compreendido e, por isso mesmo, é amado e admirado por muitos e rejeitado por outros tantos.





Paulo Freire não era (e nem poderia ser) uma unanimidade; fez uma opção no enfrentamento político e existencial e, dessa forma, só um resultado anódino de suas idéias e práticas conseguiria situá-lo no altar ascético (e inerme) daqueles que são aceitos por qualquer um. Afinal, mede-se, também, o alcance do que se faz pela qualidade dos adversários que se encontra e das oposições que se manifestam.

Dele foi dito, por exemplo, que procurava a paz e sua pedagogia dialógica era dela uma ferramenta para o apaziguamento dos conflitos; contudo, ao receber o Prêmio Educação para a Paz da UNESCO (Paris, 1986) deixou bem claro qual era seu desejo:

“De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi, sobretudo, que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica lutar por ela. A paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças, o torna opaco e tenta miopisar as suas vítimas”.

Para os que tivessem dúvidas quanto à sua opção de classe (tentando inferir uma pretensa universalidade de suas propostas pedagógicas e políticas) nos legou não só sua imortal Pedagogia do Oprimido, como, em inúmeras ocasiões, expressou-se tal como no seu discurso de despedida do cargo de secretário municipal de Educação de São Paulo (1991): “Meu gosto de ler e escrever se dirige a uma certa utopia que envolve uma certa causa, um certo tipo de gente nossa. É um gosto que tem que ver com a criação de uma sociedade menos perversa, menos discriminatória, menos racista, menos machista que esta. Uma sociedade mais aberta, que sirva aos interesses das sempre desprotegidas e minimizadas classes populares e não apenas aos interesses dos ricos, dos afortunados, dos chamados ‘bem-nascidos’”.

Alguns o entendiam como arrogante (jamais o foi!); o que Paulo Freire não portava era aquela falsa modéstia característica dos pedantes. Sabia do valor de seu trabalho e dele se orgulhava; não se considerava um mártir por ter-se exilado e, numa fala sobre o exílio e o retorno (consignada no livro *Essa Escola chamada Vida*, escrito com Frei Betto em 1985) mostrou isso ao dizer que “... a minha convivência com homens e mulheres que haviam exposto suas vidas na luta, que haviam perdido companheiras e companheiros tombados junto





a eles mas que falavam sem arrogância de sua prática, da prática de seu povo, com respeito a ele, sem dar a impressão de proprietários da verdade —, tudo isso, que se acrescentava ao que já aprendera no trato humilde do contexto de empréstimo relativizando o sofrimento do exílio, me preparava também para, na volta, dizer o que disse: vim para reaprender o Brasil, não para ensinar os que aqui ficaram como ‘exilados internos’”.

Para as pessoas que se preocupavam sempre com a lentidão de algumas mudanças sociais necessárias, ou com a exagerada cautela com que muitos imergiam na tarefa transformadora, deixou um sábio conselho (no nº 13 da revista Psicologia Atual, em 1980): “Eu poderia dizer que a relação paciência-impaciência está no coração da tensão existencial. Toda existência é perigosa, não há existência sem tensão. Se você rompe essa polarização em favor da paciência, você cai nos vamos deixar como está para ver como fica’. Então você ajuda o status quo. Se você rompe em favor da impaciência, então você cai no ativismo, no voluntarismo, na manipulação. Ambas as formas de ruptura implicam, no meu entender, numa falsa visão da história. Numa incompreensão do histórico enquanto processo. Não posso deixar as coisas como estão para ver como ficam porque a história não é nenhuma potência que paira sobre nós: nós nos fazemos e nos refazemos. E a ruptura em favor da impaciência nos leva ao voluntarismo que enfatiza a subjetividade na relação. Esse voluntarismo é idealista, metafísico, não histórico, não dialético”.

A reflexão acima é completada (respondendo aos que se incomodavam com sua extremada defesa da presença do proletariado nos processos educacionais) na Por uma pedagogia da pergunta (1985): “O intelectual militante político corre o risco, permanente, ora de se tornar autoritário, ora de intensificar o seu autoritarismo, quando não é capaz de superar uma concepção messiânica da transformação social, da transformação revolucionária. E é interessante observar, do ponto de vista do seu autoritarismo, a facilidade com que considera os que defendem a necessidade desta comunhão com as massas populares como puro reformistas, ou populistas, ou sociais-democratas”.

Paulo Freire, por valorizar a cultura popular, sofreu ainda a acusação de desprezar os conteúdos científicos e de banalizar o papel docente na produção do conhecimento discente; ele ria muito dessa interpretação tendenciosamente despropositada de seu pensamento. Em 1984, no nº 4 da Religious Education, respondeu novamente a uma pergunta nessa direção





dizendo: “Não existe nada que me envergonhe de ser um professor. Eu sou um professor. Ensinar é absolutamente fundamental. Para mim, a questão é como ser um professor que facilita o saber aos educandos, aos estudantes. (...) Há um certo momento em que também os professores ‘facilitadores’ têm que ensinar alguma coisa. Se eles não fazem isto, o processo de engajamento como o ato de conhecer pára. Epistemologicamente, é impossível conhecer sem informação. Há um momento no processo de conhecimento no qual o sujeito cognitivo precisa de um segundo tipo de informação. Precisamente neste momento em que a informação é demandada, os facilitadores têm que ensinar, porque eles têm que tornar possível a informação. Para mim o problema é saber se sou um professor democrático ou um professor autoritário. Esta é a questão para mim. Não parar de ser professor”.

Voltou ao tema em 1995 (entrevista no nº 1 da revista *Presença Pedagógica*): “Discordo dos pensadores que menosprezam o senso comum, como se o mundo tivesse partido da rigorosidade do conhecimento científico. De jeito nenhum! A rigorosidade chegou depois. A gente começa com uma curiosidade indiscutível diante do mundo e vai transformando essa curiosidade no que chamo de curiosidade epistemológica. Ao inventar a curiosidade epistemológica, obviamente são inventados métodos rigorosos de aproximação do sujeito ao objeto que ele busca conhecer”.

Por fim, em tempos de “pós-modernidade” as concepções de Paulo Freire padeceram da “incompreensão” daqueles que as desejaram situar em outro tempo (já ultrapassado). Porém, em 1993, aconteceu na Malásia um congresso sobre Comunicação e Desenvolvimento na Era Pós-Moderna: uma Reavaliação do Legado Freireano e ele não deixou de saudar os participantes com as seguintes palavras: “Entendo, por outro lado, que assim como houve progressistas e retrógrados na antigüidade, na modernidade, também os há na pós-modernidade. Há uma forma reacionária de ser pós-moderno como há uma forma progressista de sê-lo. A pós-modernidade não está isenta dos conflitos, por conseguinte das opções, das rupturas, das decisões. Para mim, a prática educativa progressistamente pós-moderna — é nela que sempre me inscrevi, desde que vim à tona, timidamente, nos anos 50 — é a que se funda no respeito democrático ao educando como um dos sujeitos do processo, é a que tem no ato de ensinar/aprender momento curioso e criador em que os educadores reconhecem e refazem conhecimentos antes sabidos e os educandos se apropriam, produzem o ainda não





sabido. É a que desoculta verdades em lugar de escondê-las. É a que estimula a boniteza da pureza como virtude e se bate contra o puritanismo enquanto negação da virtude”.

Paulo Freire nunca se alçou à condição de infalível e, na sua derradeira obra, resgata a importância de nos defendermos das trapaças ideológicas que colocamos, às vezes distraídos, para nós mesmos; ele insiste na força da percepção crítica como opositora do dogmatismo incauto: “No exercício crítico de minha resistência ao poder manhoso da ideologia, vou gerando certas qualidades que vão virando sabedoria indispensável à minha prática docente. A necessidade desta resistência crítica, por exemplo, me predispõe, de um lado, a uma atitude aberta aos demais, aos dados da realidade; de outro, a uma desconfiança metódica que me defende de tornar-me absolutamente certo das certezas. Para me resguardar das artimanhas da ideologia, não posso nem devo me fechar aos outros, nem tampouco me enclausurar no ciclo da minha verdade. Pelo contrário, o melhor caminho para guardar viva e desperta a minha capacidade de pensar certo, de ver com acuidade, de ouvir com respeito, por isso de forma exigente, é me deixar exposto às diferenças, é recusar posições dogmáticas, em que me admita como proprietário da verdade” .

## UM LEGADO CLÁSSICO E ATUAL

A ideia de não conseguir com muita tranquilidade dizer “Paulo Freire fez”, “Paulo Freire estava”, “Paulo Freire foi”, isto é, colocá-lo no passado, tem evidentemente a ver com a incapacidade de achar que as ideias que ele fermentou, que ele disseminou, que ele semeou, que elas tenham já passado.

É necessário ter muita cautela em Educação, porque Educação é um território fácil para novidades. É preciso não confundir novo com novidade. Novidade é aquilo que vem, é passageiro, se coloca por um tempo, mas tem um nível de volatilidade muito grande e depois se vai. Educação tem muita novidade, que é algo da moda, algo episódico. Muito diferente disso, é aquilo que na história humana é novo. A diferença entre novo e novidade é que o novo vem, se instala, muda e permanece. O novo permanece porque ele mantém vitalidade. A novidade passa logo. O pensamento de Paulo Freire é novo, a música de Mozart é nova, a obra de Platão é nova, Catulo da Paixão Cearense é novo. Por quê? Porque o seu trabalho não perdeu vitalidade, não perdeu a irrigação, não perdeu a conexão com a vida e com o sangue





que a vida partilha e emana. Desse ponto de vista, o pensamento de Paulo Freire é absolutamente atual, no sentido de guardar a sua forma de ser novo. Ele não é novidade. A novidade é passageira, é fluida, ela escorre. Ele permanece.

Eu tenho insistido em algumas conversas, as pessoas têm dialogado em torno disso, que nós precisamos também uma outra reflexão quando se pensa em Paulo Freire. Muita gente lê Paulo Freire no original, isto é, vai ler a “Pedagogia do oprimido”, a “Educação como prática da liberdade”, a “Pedagogia da autonomia”, a “Pedagogia da esperança” e diz: “Engraçado, isso é claro. É claro que é assim.” E acha Paulo Freire meio óbvio. Cuidado. É claro que nós achamos Paulo Freire meio óbvio quando a gente vai lê-lo. Afinal de contas, aquilo que a gente lê ali e que leu em outros lugares é aquilo que ele escreveu há 40 anos. E por ter escrito há 40 anos e ter disseminado por tantos lugares, nós já lemos isso em tantos autores, em tantos debates, em tantas lógicas que, quando você vai ao original, fala “mas eu sabia disso”. Sim, sabia, foi ele mesmo quem disse.

Por que estou insistindo nesse ponto? Porque, vez ou outra, algumas pessoas dizem: “Esse pensamento não tem mais atualidade, porque muitos e muitos já escreveram sobre isso”. Escreveram a partir dele, em função dele e referenciados exatamente naquela obra. Por isso, quando Paulo Freire produz algo que é novo, ele guarda algo que é típico dos clássicos. Claro que Paulo Freire é um clássico, no sentido de que ele não tem perda de irrigação de sua atualidade. A atualidade do pensamento freireano o mantém como um clássico. Clássico é aquilo que não deixou de ter atualidade. É interessante porque a palavra “atual” não significa apenas moderno, ela também significa, vindo do latim para o inglês, “verdadeiro”. Tanto que no inglês se usa o *actually*, no sentido de “verdadeiramente”, de “verazmente”. Paulo Freire se sustenta não só em nós, mas em sua própria obra. Porque, vez ou outra, temos uma tendência de dizer que Paulo Freire continua vivo no que nós fazemos. Mas ele continua vivo também nas obras que escreveu há 40 anos, há 35 anos, há 20 anos. Porque essas obras estão vivas. O manuscrito de “Pedagogia do oprimido” fez 40 anos em 2008. Será que é uma obra que perdeu atualidade? Ao contrário. E não estou dizendo isso apenas como louvor, porque se o fosse, Paulo Freire, humilde que era, diria: “Calma”. Mas eu estou dizendo isso como reconhecimento de algo que é absolutamente concreto.





Nesta direção, o pensamento freireano é novo, não é novidade. Ele é um clássico, sem ter se emoldurado num processo de engessamento. O pensamento de Freire continua animado. Paulo Freire nos anima. Quero lembrar as pessoas, se um dia virem isso mais de perto, que a palavra “animar” significa “encher de alma”, de “anima”, de “vida”. Animar é inspirar. Paulo Freire tem um pensamento altamente inspirador.

Nos “idos” de uma tarde de março de 1986 Paulo Freire proferiu a Aula Inaugural do curso de Pós-Graduação em Educação (Supervisão e Currículo) da PUC de São Paulo. Ao final da exposição, durante os debates, perguntei-lhe se ele se considerava um clássico e, se assim o fosse, o que pensava da frase do sempre irreverente e instigante Millôr Fernandes: “Clássico é um escritor que não se contentou em chatear apenas os contemporâneos”.

O Mestre, sem perder a fleugma e sem falsa humildade (sinal de sua segura sabedoria), apanhou minha provocação e a reinterpreto de modo incisivo: “Sou um clássico sim. Não porque subjetiva e presunçosamente deste modo me considere, mas porque como clássico sou considerado por todas aquelas e todos aqueles que encontram em minha obra um instrumento para enfrentar um clássico problema: a existência de opressores e oprimidos. Por isso, enquanto esse problema persistir, quero continuar chateando, incomodando e fustigando os que, contemporâneos meus ou não, defendam a permanência das desigualdades”.

A expressão mais contundente dessa postura freireana é exatamente a “Pedagogia do Oprimido”. Nela encontramos os fundamentos de uma convicção militante: não é possível estarmos bem com o mundo do jeito que está!

É preciso chatear os que impedem a manifestação do pensamento livre e da individualidade responsável; os que constroem os corpos com a violência da fome e a agressão da doença sem socorro; os que acatam a crueldade da tortura e a degradação brutal do lugar onde vivemos; o padecimento provocado pela não-convivência com aqueles a quem se ama. É preciso incomodar e incomodar-se com a existência dos que são vitimados pela falta de trabalho, humilhados pela ausência de estudo, desprovidos de um lazer sadio, mortalmente feridos pela discriminação de qualquer tipo e violentados pelo embaraço traumático da religiosidade, sexualidade, amorosidade e liberdade. É preciso, em suma, fustigar as situações nas quais podem apodrecer nossas esperanças e a sacralidade de nossas vidas.





A “Pedagogia do Oprimido” é um clássico e tal como seu autor, esperamos que um dia, com a anulação das condições que tornaram a obra necessária seja apenas a memória de um tempo na qual nossa plena humanidade ainda se ausentava.

Quando a gente diz: 'a luta continua', significa que não dá para parar. O problema que a provoca está aí presente. É possível e normal um desalento. O que não é possível é que o desalento vire desencanto e passe a imobilizar.

Paulo Freire

### **SAUDADE DE PAULO FREIRE, UMA PESSOA ENCANTADORA**

Paulo Freire foi uma pessoa encantadora nas múltiplas acepções que esse adjetivo carrega. Encantava as pessoas (no sentido de enfeitiçá-las) com sua figura miúda (grande por dentro), seu sotaque pernambucano (jamais abandonado) e sua barba bem cuidada (herança profética).

Seu maior poder de encantar tinha, no entanto, outra fonte: uma inesgotável incapacidade de desistir. De algumas pessoas se diz que são incapazes de fazer o mal, são incapazes de matar uma mosca, são incapazes de ofender alguém; Paulo Freire sofria (felizmente para nós) dessa outra incapacidade: não perdia a esperança.

Cabe perguntar: esperança em que? Na reinvenção do humano, na necessidade de inconformar-se com as coisas no modo como estão; dizia ele que “uma das condições fundamentais é tornar possível o que parece não ser possível. A gente tem que lutar para tornar possível o que ainda não é possível. Isto faz parte da tarefa histórica de redesenhar e reconstruir o mundo”.

Tarefa histórica era uma expressão muito usada por Paulo Freire; ora, de quem recebera ele essa tarefa? De si mesmo, na sua relação com o mundo real; sua consciência ética apontava sempre como imperativa a obra perene da construção da felicidade coletiva.

Ele encarnou, como poucos, um dos ideais da Grécia clássica que dizia ser a Eudaimonia o objetivo maior da Política (da vida na polis); literalmente eu/bem +





daimonia/espírito interior, significaria paz de espírito, mas sua tradução oferece um ótimo trocadilho em português: felicidade e, também, feliz/cidade.

Foi exatamente esse ideal (a Política como busca da felicidade de todos e todas) que conduziu Paulo Freire para a Educação e, nela, para a prática libertadora.

## BIBLIOGRAFIA

CORTELLA, Mário Sérgio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 12 ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

CORTELLA, Mário Sérgio. Paulo Freire: utopias e esperanças. *Debates em Educação*. Maceió, v. 2, n. 3, p. 1 – 17, jan./jun. 2010.

CORTELLA, Mário Sérgio. Paulo Freire, um clássico. In FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *A Pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Editora UNESP, 2001. PP.155-156

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2010a.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37. ed. São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 16. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 8. ed. rev. ampl. Indaiatuba: Villa das Letras Editora, 2007.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.

